

NOTAS E INFORMAÇÕES

Deboche
antirrepublicano

A Lula da Silva e Paulo Pimenta convêm lembrar: ironia e comunicação pública são incompatíveis

A Secretaria de Comunicação Social da Presidência (Secom) achou adequado debochar do ex-presidente Jair Bolsonaro usando, para isso, uma campanha de utilidade pública. O caso diz respeito à bati-

da da Polícia Federal numa das casas da família Bolsonaro na investigação sobre o suposto uso da Abin pelo ex-presidente. No momento em que as redes sociais se mobilizaram para comentar o episódio, o governo petista aproveitou a publicação de um post de campanha contra a dengue para tripudiar das agruras da família Bolsonaro. Além do cinismo evidente, trata-se de atitude antirrepublicana, deplorável por definição.

O post mostrava a imagem de um homem batendo à porta com as palavras “toc, toc, toc” e o enunciado: “Quando os agentes comunitários de saúde baterem à sua porta, não tenha medo, apenas receba-os”. A onomatopeia foi previsivelmente interpretada como uma referência a um discurso da então deputada Joice Hasselmann, em 2022, sobre a iminência de uma possível operação contra Bolsonaro.

A nomenclatura lulopetista poderia argumentar tratar-se de uma mera coincidência – não fosse o histórico de artimanhas produzidas pelos criativos instalados no Palácio do Planalto, algumas das quais repletas de ironia, zombaria e referências veladas à família Bolsonaro e adversários. Quando Bolsonaro ficou ineleível, por exemplo, o perfil oficial do governo, a título de festejar a redução do preço da gasolina, exclamou “grande dia” – em referência nada sutil à frase que o ex-presidente costumava usar para comemorar notícias favoráveis ao governo e reverses de adversários. Em outra campanha, destinada a alertar a população a

declarar o Imposto de Renda, os redatores lulopetistas trouxeram uma pergunta: “E aí, tudo joia?”. O post foi publicado durante a investigação sobre as joias recebidas por Bolsonaro da Arábia Saudita.

Se essas brincadeiras no perfil oficial do governo já causam espanto, mais espantoso ainda é o próprio ministro Paulo Pimenta, da Secom, jactar-se de que se trata de método perfeitamente válido. Feito um aluno orgulhoso do que acabou de aprender, disse: “Difícil para quem raciocina em uma linguagem analógica tradicional entender o papel dos algoritmos nas ‘janelas de oportunidades e fluxos’ que a comunicação digital precisa considerar. (...) É como se tivesse um trem em alta velocidade passando. Se eu ficar na frente sou atropelado. Se embarco junto, viajo na velocidade do trem e levo junto a minha mensagem. A mensagem principal é a dengue, o trem é a pauta do dia”. Mais claro a respeito de seus verdadeiros propósitos, impossível.

Ironia e deboche são incompatíveis com uma comunicação pública, impessoal, republicana. Fazer referências, mesmo indiretas, a um adversário é converter canais governamentais em palanques digitais. Na sua obsessão para atingir o bolsonarismo, o governo recorre às mesmas práticas que dizia condenar na gestão anterior. No fim das contas, o post só reafirma a ideia de que, para o lulopetismo, a máquina do Estado deve estar a serviço não dos cidadãos, mas do partido. ●

‘Abin paralela’

Lula decide exonerar o número 2 da Abin; PF intima general Heleno

Diretor adjunto do órgão, Alessandro Moretti é suspeito de dificultar a apuração sobre uso indevido da estrutura da agência

VERA ROSA
BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva demitiu ontem o diretor adjunto da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Alessandro Moretti. A dispensa ocorreu um dia após a operação da Polícia Federal que fez buscas em endereços do vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho de Jair Bolsonaro. Moretti é muito ligado ao ex-presidente. Diligências da PF indicaram que tanto ele como outros integrantes da cúpula da Abin dificultaram as apurações e estariam agindo em conluio com servidores investigados.

O novo diretor adjunto será Marco Cepik, diretor da Escola de Inteligência da Abin e um dos maiores especialistas do País nessa área. A nomeação de Cepik saiu em edição extra do *Diário Oficial* da União.

No relatório enviado ao Supremo Tribunal Federal que serviu de base para a Operação Vigilância Aproximada, a PF diz que Moretti se reuniu com servidores em março do ano passado e afirmou que a investigação sobre “Abin paralela” tinha “fundo político e iria passar”.

Com sua saída, é cada vez mais forte a pressão para que



Vereador Carlos Bolsonaro na superintendência da PF no Rio, um dia após ser alvo de operação

Lula demita toda a cúpula da Abin e reformule radicalmente a instituição. Nos bastidores, ministros do STF cobram do presidente a substituição do diretor da agência, Luiz Fernando Corrêa. Os magistrados dizem não ver explicação para o fato de Corrêa ter escalado Moretti, conhecido por suas ligações com Bolsonaro, para ser seu braço direito na Abin. Dois desses ministros fizeram chegar ao Palácio do Planalto a avaliação de que Corrêa tem “responsabilidade política”.

Movimento semelhante ocorre também no Congresso. “É uma situação política grave”, admitiu o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE). “A Abin deve passar por uma profunda reformulação e deixar de ser polícia política, que fica bisbilhotando adversários. Do jeito que está, a agência virou um SNI secreto”, emendou o deputado, numa re-

ferência ao Serviço Nacional de Informações, que funcionou na época da ditadura militar.

HELENO. Ontem, a PF intimou o general Augusto Heleno, ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), para prestar depoimento no caso. A

TROCAS
Presidente demitiu ainda quatro chefes de departamentos da Abin e nomeou outros 7 diretores

Abin fez parte da estrutura administrativa do GSI enquanto Heleno esteve no cargo. A agência passou para a Casa Civil em março de 2023, já no governo Lula. O *Estadão* entrou em contato com o general, que não se manifestou sobre a intimação.

INFLUÊNCIA. A PF investiga se,

mesmo fora da Abin, o deputado Alexandre Ramage (PL-RJ) tinha acesso aos sistemas da instituição e atendia a pedidos da família Bolsonaro. A apreensão com o parlamentar de um notebook e um celular da agência é vista como indício desse fluxo de informações.

Ramage chefiou a Abin de julho de 2019 a março de 2022, quando deixou o cargo para se candidatar a deputado. A Abin disse ao *Estadão* que não deu falta dos equipamentos e que a responsabilidade de devolver o material era do então diretor. A agência alega que ele perdeu acesso aos sistemas quando se desligou. Ramage disse em entrevista à *GloboNews* que os dispositivos não eram usados há mais de três anos.

Outro indício, de acordo com os investigadores, é o pedido feito por uma assessora de Carlos Bolsonaro para conseguir dados de inquéritos. A ser-

vidora diz a uma auxiliar de Ramage que precisa “muito de uma ajuda”, informa o número das investigações e acrescenta que elas envolveriam o “PR (presidente da República) e 3 filhos”.

A conversa ocorreu em 11 de outubro de 2022, mais de seis meses após Ramage deixar a Abin. Por isso, a PF busca descobrir se ele usou clandestinamente suas credenciais para acessar os sistemas de inteligência. Outra hipótese é de que ele tenha se valido de aliados na Abin para conseguir informações. Sete policiais federais que auxiliavam Ramage no órgão foram afastados por determinação do STF.

Peça central das investigações, o programa espião First Mile foi usado 60.734 vezes no período alcançado pela apuração. O relatório do ministro do STF Alexandre de Moraes afirma que, em outubro de 2020, mês em que se realizaram eleições municipais, foram realizadas 30.344 consultas ao sistema, mais da metade do total.

VÍDEO. Carlos Bolsonaro prestou depoimento ontem por uma hora na superintendência da PF no Rio. A audiência atendeu a pedido do diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues. O depoimento não teve relação com a “Abin paralela”, mas com postagem que ele fez em agosto do ano passado com críticas à atuação da PF.

Também ontem, o vereador postou vídeo no X mostrando como ficou sua casa no Rio após as buscas e apreensão. Nas imagens, é possível ver móveis com portas e gavetas abertas e itens em cima do aparador e do sofá, como cabos e caixas de equipamentos eletrônicos. ● COLABORARAM PÉPITA ORTEGA, FAUSTO MACEDO, KARINA FERREIRA E RAYANDERSON GUERRA

O COLUMISTA MARCELO GODOY ESTÁ DE FÉRIAS